



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7829 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 21 - Educação e Relações Étnico-Raciais

A MENINA NEGRA E A PANDEMIA POR CORONAVÍRUS: PERCEPÇÕES SOBRE O RACISMO E A EDUCAÇÃO REMOTA

Heloisa Batista dos Santos Modesto - UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

A MENINA NEGRA E A PANDEMIA POR CORONAVÍRUS: PERCEPÇÕES SOBRE O RACISMO E A EDUCAÇÃO REMOTA

Passados aproximadamente nove meses de sua descoberta em dezembro de 2019, a pandemia por coronavírus ainda continua a assolar o mundo. No Brasil, nesse contexto de descobertas e incertezas, as instituições escolares foram um dos primeiros espaços a serem fechados quando as autoridades de saúde perceberam a gravidade da COVID-19, doença transmitida pelo vírus. Desde meados de março de 2020 a maior parte das escolas brasileiras foram fechadas e a população orientada a ficar em isolamento ou afastamento social em suas residências. A partir desse momento, muitas discussões sobre as possibilidades de uma nova configuração das atividades educacionais para a educação básica e o ensino médio foram levantadas.

Atuando juntamente com uma equipe de professores/as e gestores/as em uma escola da rede pública Municipal de Belo Horizonte, localizada em uma área considerada de risco social que funciona em três turnos de atividades e possui aproximadamente 930 alunos/as regularmente matriculados/as, onde o ensino é ofertado do 1º ano ao 9º ano do Ensino Fundamental I e II praticado no diurno e para a Educação de Jovens e Adultos (EJA) no noturno, nós começamos também, a buscar soluções para a oferta de ensino aos alunos/as que contemplasse as dificuldades trazidas pela realidade dessa nova configuração escolar.

O vetor em que a escola se localiza, de acordo com Cardoso (2018) possui um dos maiores índices de pobreza da cidade de Belo Horizonte e uma característica comum a esses locais são moradores “visivelmente negros/as”. Tal fato é confirmado pelas pesquisas realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Dados da pesquisa relacionada ao fator econômico de 2014 apontam que a população negra representa 53,6% da população brasileira e que entre os 10% da população mais pobre do país, 76% são negros.

Desse modo, a escola encontra-se em uma área de grande vulnerabilidade social com alunos/as advindos em sua grande maioria de famílias trabalhadoras de classes sociais desprivilegiadas que se esforçam para garantir a presença dos/as seus/as filhos/as diariamente na instituição. As vagas do programa Escola Integrada ofertado pela PBH que garante a permanência dos/as alunos/as em período integral na escola são muito disputadas, o que reforça essa característica de famílias trabalhadoras que buscam o ensino e a segurança do

espaço escolar, assim como a garantia de uma boa alimentação diária para as suas crianças enquanto trabalham.

O perfil dos/as alunos/as assim caracterizado revela uma realidade que dificulta e até mesmo inviabiliza a adoção de atividades remotas com qualidade de acesso para todos/as os/as estudantes. A Prefeitura de Belo Horizonte em todo período de pandemia adotou medidas rígidas de fechamentos de estabelecimentos considerados não essenciais e até o momento da escrita desse texto, no mês de setembro de 2020 não autorizou o retorno de atividades escolares na rede pública ou privada. Além disso, considerando o perfil dos/as estudantes matriculados/as na rede pública de todo o município, a Secretaria Municipal de Educação (SMED), orientou as escolas a agirem autonomamente, de acordo com as suas especificidades, ofertando aos alunos/as atividades remotas postadas no site ou redes sociais das escolas, com caráter de acolhimento, orientações para a saúde e fortalecimentos de vínculos com os/as estudantes.

Nesse movimento, a instituição na qual atuo iniciou um processo de acolhimento aos alunos/as organizado pela gestão escolar com postagens de vídeos, atividades lúdicas e interdisciplinares na rede social da escola. Após esta etapa inicial ocorreu a produção de um site institucional e ficou estabelecido que a equipe de professores/as iria começar a postar atividades de conteúdos relacionados as áreas disciplinares por ano de ensino. Assim, a partir de meados do mês de junho começamos as aulas remotas, somente com postagens. As dúvidas sobre a validade dessas atividades são muitas, isto porque, não sabemos a quantidade de alunos/as que consegue acessar a oferta de ensino. E, se realmente, este tipo de oferta é prioridade para as famílias, neste momento que já possuem tantas dificuldades. Questionamentos como: estamos contribuindo para aumentar as desigualdades educacionais entre os/as alunos/as que possuem uma estrutura econômica e social que permite acompanhar as aulas, mesmo estando matriculados/as na mesma rede de ensino e os que não possuem? Devemos seguir ofertando o ensino aos alunos/as que possuem acesso para não tirarmos deles/as esta oportunidade? Ou ao incluirmos estamos ao mesmo tempo excluindo e aumentando um abismo de desigualdades para os que não possuem acesso?

Nesse contexto de adversidades nos âmbitos educacional, social e econômico, a dúvida sobre como as estudantes negras da escola que já passaram por situações em que foram vitimadas por atitudes racistas e preconceituosas no espaço escolar estão vivenciando este momento atual foi detonadora desse estudo, estas alunas são participantes da minha pesquisa de mestrado que é produzida a partir de outra temática. Para desenvolver a investigação presente nesse texto, a metodologia utilizada são entrevistas individuais por meio de vídeo chamadas. Nas entrevistas, o tema central se divide em duas etapas, na primeira o enfoque é sobre qual é a percepção dessas meninas com relação ao ensino remoto. Para elas o ensino está sendo satisfatório? Quais são as suas dificuldades e desafios? Elas observaram algum avanço em relação a aprendizagem nesse período?

Na segunda etapa, as questões são sobre o racismo e a educação remota, levantando com as meninas negras quais os seus olhares e vozes com relação ao distanciamento e a presença de atitudes racistas neste novo contexto de ensino. As interações com colegas e professores/as estão ocorrendo sem conflitos de cunho racial? Acreditam que este tipo de educação as preservou de experiências negativas nesse sentido? Todas essas questões e o assunto pesquisado se baseiam teoricamente no que afirma a professora Nilma Lino Gomes (2002, p. 03) ao revelar os sujeitos da sua pesquisa de doutorado indica que:

A trajetória escolar aparece em todos os depoimentos como um importante momento no processo de construção da identidade negra e, lamentavelmente, reforçando estereótipos e representações negativas sobre esse segmento étnico/racial e o seu padrão estético.

Gomes (2002, p. 09) reforça que a “escola pode atuar tanto na reprodução de estereótipos sobre o negro, o seu corpo e o seu cabelo, quanto na superação dos mesmos”. O que percebo como regra é uma reprodução desses estereótipos e uma grande valorização da cultura dominante branca em detrimento da história de outras culturas. O engajamento na busca da superação e do combate ao racismo, a discriminação e ao preconceito ainda estão dando os “primeiros passos” nas iniciativas das nossas escolas. Nessa perspectiva, os resultados do estudo preconizam saber das meninas negras se o distanciamento escolar alterou as relações étnico-raciais trará contribuições para refletirmos sobre a construção de uma educação antirracista.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2018. *Censo demográfico: População por cor ou raça*. In: IBGE. Sidra: sistema IBGE de recuperação automática. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/6403>. Acesso em: jul. 2020.

CARDOSO, Frederico Assis. *O caso bia.alighieri: reflexões sobre um tema de pesquisa*

Educação em perspectiva (online), v. 9, p. 48, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/educacaoemperspectiva/article/view/6963/2821/>. Acesso em: 05 ago. 2019.

GOMES, Nilma Lino. *Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural?* Revista Brasileira de Educação, núm. 21, set-dez, 2002.